

JORNAL DOS DEBATES

POLITICOS E LITTERARIOS DE 1838.

Publica-se regularmente por Semana ás Quintas feiras, Subscreve-se n'esta Typographia a 1\$000 por Trimestre, pagos adiantados.

RIO DE JANEIRO—TYPOGRAPHIA DE L. A. BURGAIN—RUA D'ALFANDEGA N. 131.

EXTERIOR.

PORTUGAL.

BIOGRAPHIA DO CONDE DA TAIPA.

Passemos agora ao visinho do ministro do reino. É um homem pálido, vestido com uma grande sobrecasaca parda, e que muitas vezes aproxima sua boca ás orelhas de Passos, e que, quando se assenta, faz mil trejeitos por detraz. Nervosos movimentos se succedem com rapidez na sua physionomia, e enrugam a pelle da testa, que é alta e despida de cabellos, mal existindo alguns molhos nas fontes. Quando abre a boca, estende-se a sua barba á moda de Henrique IV, e seus bigodes cobrem as rugas das faces, chegando até os olhos.

É este individuo D. Gastão, conde da Taipa, homem de mais de quarenta annos: quando quer fallar, levanta-se tranquillamente, aperta os dentes, exprime-se com methodo, e pára de quando em quando para accentuar as ultimas syllabas. Seu discurso é corrente, simples e amoldado ao gosto alegre das galerias, e por isso é intitulado o *gracioso* das côrtes. Basea sempre seus discursos sobre vastos conhecimentos de paizes estranhos, e de sua propria patria. Infelizmente as verdades na sua boca perdem grande parte do seu credito, pelas reminiscencias dos innumerados desvarios de sua mocidade, e que ainda se não varreram da lembrança dos Portuguezes.

Entretanto o conde da Taipa, apesar de toda a sua instrucção, chamado douto por quasi todas as pessoas, e esta opinião causa-lhe bastante damno. Em quanto os seus collegas tranquillamente o escutam, elle sabe conservar-se e dominar o seu corpo e o seu espirito, mas todas as vezes que o interrompem, as crispacoes nervosas o attacam e as syllabas balbuciam-lhe. Se por acaso, porém, pára por alguns minutos, então ganha forças e pôde continuar; entretanto, se é pela segunda vez interrompido, esquece-se, perde o fio da oração, fultam-lhe as palavras, e vê-se forçado a finalizar e a assentar-se no meio da algazarra.

Descende o conde da Taipa de uma illustre e antiga familia, desde a sua infancia educou-se militarmente, e começou a sua carreira na guerra da Peninsula em um regimento de cavallaria. Depois da paz, e no começo da guerra contra Buenos-Ayres, partio para o Brasil com 6:000 homens e servio no estado maior contra Artigas. Algum tempo depois, foi encarregado de levar, em um pequeno navio, uma ordem ao Rio de Janeiro, e muito bem se houve, em quanto a maior parte do estado maior morria á bordo de uma fragata.

Logo que em 1821 voltou El-Rei para Portugal, D. Gastão o acompanhou, e no meio da effervescencia do espirito constitucional, que por toda parte grassava, conservou-se zeloso absolutista. Quando em 1823 fugio el-rei de Lisboa, e succumbia á constituição e os deputados das côrtes se dispersavam, entrou, á força, D. Gastão na sala das côrtes, e não encontrando pessoa alguma sobre quem descarregasse sua colera absolutista, quebrou com o seu sabre as cadeiras e as mesas. Para ainda mais patentearem os seus sentimentos realistas, partio ao encontro d'el rei com outros senhores, e tantos disvelos mostrou por S. M. que adquirio direitos á gratidão do principe. O rei nomeou-o coronel de um regimento de cavallaria e deu-lhe o titulo de conde. D'essa época data uma negra historia que não publicaremos, que tanto estrondo causou em Lisboa, que o conde, accusado até de roubo, vio-se forçado a deixar o serviço. Recomeçaram n'este tempo as revoluções: os dous partidos pegaram em armas, os realistas se battiam por um rei absoluto. O conde de Taipa mudou então de opinião, e, com o intuito de fazer esquecer os seus passados crimes, entrou como voluntario no exercito constitucional de Villafior. Distinguiu-se em todas as occasiões, tanto no meio dos combates como na camara dos pares: como guerreiro e como orador pertencia sempre á primeira classe.

Quando em 1828 o exercito do Porto avançou contra D. Miguel, e que já a vanguarda se achava em Coimbra, tendo á sua frente os melhores generaes

de Portugal, foi o conde da Taipa accusado de haver desamparado o seu posto para espalhar na cidade a noticia de que tudo estava perdido. Foi tão grande o medo, que todos fugiram e se embarcaram, e até o proprio regente e os generaes abandonaram os soldados á sua sorte. Grande numero alistou-se sob as bandeiras do absolutismo; e aquelles que, sempre fieis se mostraram á causa constitucional, fugiram para a Galiza, d'onde se embarcaram para a Inglaterra, depois de affrontarem muitas misérias e soffrimentos. O conde da Taipa estava refugiado em Londres e em Paris, e depois partio com Villafior para a Ilha Terceira; acompanhou a expedição do Porto, e n'ella desenvolveu muita coragem e valor. Fez-se depois muito inimigo de D. Pedro, e foi um dos seus mais vehementes adversarios. Por haver esquecido o respeito devido ao seu soberano, foi uma vez recolhido á prisão. Para vingar-se d'esta injuria, o realista Taipa unio-se com Passos Manuel, e foi um dos autores da revolução de 9 de Setembro.

(Constitutionnel.)

INTERIOR.

MEIOS DE GOVERNO.

INSTRUCÇÃO PUBLICA.

A instrucção publica é o outro meio de regeneração para os povos. A organização actual da instrucção não é boa, nem razoavel, nem sufficiente, nem legitima. O governo tanto reconheceu esta verdade, que o ex ministro da justiça acaba de decretar a criação de um collegio, segundo se afirma, talhado sobre o padrão de alguns dos estabelecimentos europeos. Nós o felicitamos por esta criação, e estaremos sempre dispostos a tributar-lhe os nossos elogios pelos actos da mesma natureza. Mas um collegio é um foco de instrucção para o pequeno numero, para a classe a menos numerosa. Esperamos, portanto, que a attenção do nobre ministro se dirija também e principalm-

te para as massas sociaes. A lei da instrução primaria abre a porta a mil abusos e mil erros, acha-se hoje o ensino geralmente abandonado á immoralidade das especulações. D'este modo o magistério está sem garantias moraes; mestres ha ahí particulares que, em vez de sentimentos religiosos, só infundirão a impiedade no coração da juventude, e d'est'arte lhe alteram as felizes disposições. Se o nobre ministro realizar seu plano, fará um grande serviço ás classes abastadas da sociedade, e satisfará as necessidades dos espiritos mais elevados; porém, nós lhe advertimos que não negligencie a cultura e o desenvolvimento moral das classes menos favorecidas, que são em maior numero.

Nós quizeramos, além d'isto, que o governo applicasse todos os seus esforços a mudar pelas raízes o systema de principios que imbuem-se no espirito da mocidade brasileira de 16 annos a esta parte. A philosophia sensualista do seculo 18, com a massa inteira de todas as suas consequências, domina o ensino no Brasil; moços e velhos, o antigo e o novo Brasil, todos somos taes quaes nos devia fazer o movimento philosophico d'aquelle seculo; ao mesmo tempo tão grande e tão terrível Voltaire, Tracy, Locke, Condillac, Helvetius e Volney são os nossos mestres, os que nos guiam, sem que nos lembremos de que essa philosophia sensualista dá por resultado final o que hoje vemos na nossa patria — *Utilidade pura em moral — egoismo em politica — indiferença ou atheismo em religião — observação empyrica dos phenomenos nas sciencias — e impressões relativas do agradável, nas artes, em vez do bello absoluto.*

Alenta-nos entretanto uma esperança, e essa esperança não deve riscar-se do nosso pensamento. Todas as nações tem suas épocas desastrosas, seus tempos criticos; e como que ha um fatalismo providencial que as salva, mas que primeiro as mergulha no cahos, para depois as fazer reaparecer á luz, á reforma e á regeneração, mudando-lhes inteiramente as idéas.

Ora o espirito philosophico do seculo 18° parece ter sido um instrumento de que a Providencia se servio para demolir a ordem social, carcomida e gangrenada na França. Veio a grande revolução de 1793, que tudo absorveu, tudo devorou, homens e idéas; mas a reacção não tardou; e ao movimento revolucionario e sanguinolento, que traçou tão negras paginas na historia, succedeu a philosophia eclectica, religiosa sem superstição e sem fanatismo, e regeneradora do seculo 19.

O Brasil está ainda nos seus tempos criticos e desastrosos; as revoluções se succedem continuamente umas apoz outras; nós nos achamos ainda engolfados n'esses principios dissolventes de

desordem, e por isso as nossas idéas se acham de um seculo atrasadas; não temos uma base de instrução adaptada ás nossas necessidades, são ephemerass as instituições, ephemeross os governos, e ephemerass as sciencias.

Ora, o meio mais proprio para atacar o mal na sua nascente, para não deixar progredir esta serie de idéas desorganisadoras, é reformar o espirito da instrução publica; e todos os governos illustrados tem-se servido d'essa poderosa alavanca para imprimir uma nova direcção aos sentimentos, ás idéas, e aos costumes, e não é a força que dirige o mundo; trata-se, por tanto, de mudal-os, por meio de uma revolução no ensino publico.

Até aqui nem um systema, nem um pensamento geral, nem um fim tem existido na organização da instrução publica; e isto tem sido um mal grave para o paiz, porém que constantemente tem estado em harmonia com a ausencia de vistas politicas nos homens em cujas mãos estavam depositados os destinos publicos. Já nós, em um artigo, inserido no *Jornal do Commercio* do anno passado, sobre a *Instrução publica*, haviamos censurado a conducta dos passados governos, e as vistas se cifravam no mesquinho circulo dos interesses individuaes, e aconselhavamos ao actual gabinete, logo que elle se formou, que tratasse d'este objecto de tanta transcendencia, e tão importante para os futuros destinos do Brasil.

Temos fallado até aqui da *legislação penal*, e da *instrução publica*, cujas reformas julgamos serem de primeira necessidade, tanto para o bem do Brasil, como para a conservação dos governos legalmente constituídos. O ministerio que levar a fim essas reformas, pode estar certo, não só de sustentar-se no poder por muito mais tempo do que os outros ephemeross ministerios que tem dirigido os destinos publicos, mas tambem de conservar na historia do Brasil um lugar distincto e coberto de gloria.

Tenciona o governo apresentar, na proxima sessão das camaras, projectos sobre a instrução publica? Tenta elle usar de uma das suas mais bellas prerogativas, a da iniciativa? Esperemos.

MORALIDADE DOS EMPREGADOS.

Parallelamente, porém, com a reforma da *legislação penal* e da *instrução publica*, deve marchar a reforma da moralidade politica dos empregados, como um excellente meio de governo.

Um ministerio não governa por isso só que tem esse nome; numerosas condições são necessarias para que elle possa cumprir essa missão de tanto peso, e de tanta transcendencia. Entre essas condições notaremos uma organização da sociedade tal, que cada individuo seja re-

compensado segundo a sua capacidade e as suas obras.

A ausencia d'esta condição perpetua a desordem moral, e torna impossivel a vida regular de qualquer governo, como tem acontecido entre nós, que já tantos governos temos tido, e que todos deixam o alto posto, declarando-se impotentes em dirigir os destinos da nação.

Quando a intelligencia e o caracter não tem valor algum aos olhos dos governos, quando o patronato é o supremo regulador da distribuição dos empregos publicos, tudo perverte-se, tudo se transtorna. Ninguém mais procura dilatar a esphera do espirito, e desenvolver as nobres qualidades do coração; uns recorrem á *baizesa* e ao *servilismo*, como entre nós temos visto, e que são considerados como meios mais seguros de successo, de que a dignidade pessoal e a illustração. Outros, cheios de desanimo, e de abatimento, mas altivos pela consciencia do proprio valor, engolfam-se na obscuridade da vida; e todos enfim tacitamente protestam contra essa violação dos principios da moral politica. E no entanto a desordem se entranha por toda a parte, e os negocios publicos vão peiorando cada vez mais.

Filho da corrupção, o patronato converte a sociedade em um cahos, onde nem uma cousa está em seu lugar. Elle tolhe todos os vãos, e todas as inspirações ao genio, vicia as mais bellas e as melhores tendencias, e fecha a carreira aos cidadãos honestos e illustrados, que deveriam unir-se á vida do poder.

Considerado como meio de governo, o patronato é um germin de morte, que os ministerios trazem no proprio seio. A sociedade os desampara, e os deixa isolados, todas as vezes que elles mentem á sociedade, recusando aceitar os seus dictames justos, razoaveis e verdadeiros.

Os ministros do Brasil tem desconhecido a força d'estes principios; as paixões, os caprichos, e obscuras e deshonestas considerações prevaleceram, e queira Deos não prevaleçam ainda por largo tempo sobre as considerações de justiça e de interesse publico.

Seria uma boa situação para o actual governo aquella que o dispensasse de simulacros e de decepções. A arte de governar consiste em descobrir e empregar todas as forças que existem no paiz. A autoridade pode ignoral-as, pode reduzi-las á inaccção, pode mesmo substitui-las por incapacidades de camarilla, mas n'este caso, n'estas circumstancias, em vez d'essas forças contribuir a firmar a autoridade, só servirão para demoli-la.

As forças intellectuaes olham a sociedade como uma carreira aberta á sua actividade e desenvolvimento; é a so-

cidade para ellas um campo, de que se devem apoderar, e n'elle livremente dilatar-se em todos os sentidos. Os governos que se oppõem a esta tendencia natural das cousas em um paiz livre, não podem ter duração, nem estabilidade, por que os direitos por elles violados terão a seu turno uma poderosa reacção a antepôr-lhes.

Ponha-se portanto termo ao systema de nomeações, adoptado pelos nossos transactos governos, se se quer cuidar sinceramente dos negocios publicos, e se se deseja regenerar o paiz, e arrancá-lo a essas terríveis revoluções, para que elle caminha. Não offereça-se mais o espectáculo desmoralizado das intrigas que nem um epitheto, por mais ignominioso que seja, pode dignamente qualificar; regeite-se para sempre esses principios de governo, que consistem em governar sem as forças activas e intelligentes do paiz. Procure-se pelo contrario servir-se d'ellas, restaurando a moralidade dos cidadãos, elevando o pensamento publico, e rehabilitando o imperio da honra e da illustração.

ESPIRITO DO JORNALISMO.

Os jornaes d'esta capital continuam da mesma sorte, e com a mesma vehemencia, a sustentar as opiniões de seus partidos. A imparcialidade é por elles inteiramente desconhecida; tudo o que faz o governo torna-se acto digno de censura para o *Parlamentar*, e o *Modestus*; em quanto que os jornaes ministeriaes o apregoam como cousa estúpida, como um rasgo de heroismo, e no meio das accusações e das defesas se espalham os maiores insultos, sem que os ministeriaes se lembrem da nobreza da causa que defendem, nem os seus adversarios do pouco effeito que produzirão sobre as massas populares tão violentas distribuições. Ao mesmo tempo que se combate o governo, quando pretende deixar a vereda dos interesses nacionaes, deve-se tambem tecer-lhe encomios por aquelles dos seus actos que manifestem um espirito de patriotismo e de progresso, mesmo para animá-lo a trabalhar a bem do Brasil, e para que elle se convença de que, sendo justa a censura, nem um dos seus actos deixará de ser analysado, e d'esta maneira vê-se forçado a bem cumprir com o seu mandato. Tal será a missão do *Jornal dos Debates*, tal é a missão de todo o escriptor livre, que, não pertencendo a partido algum, exprime entretanto as idéas da maioria da nação, que não se importa com os nomes e as opiniões dos ministros, mas só procura conhecer seus actos para poder formar sobre elles o seu juizo. Além disto, os jornaes declaradamente ministeriaes do Rio de Janeiro, cotisam-se mutuamente, e o artigo por um feito, serve para encher as

colunas de todos; a invenção foi má, e dá uma idéa de esterilidade, que é inadmissivel n'esta epocha de crise e de composição.

Feliz o Editor do *Correio Official*, que segue a marcha tranquilla e mansamente, inserindo os actos do governo, e trasladando o discurso que recitou Mr. Guisot á dous annos, quando teve assento no *Instituto de França*, e que já foi traduzido pela *Revista Estrangeira de Portugal*. Materiaes lhe não faltam; elle tem á sua disposição as reminiscencias do *Imperio Francez*, que tão longas são, e que depois de encher as paginas de tantos numeros, ainda tão interessantes continuam; além d'isto, quando lhe vêm a dura necessidade de dar noticias estrangeiras, ahí está o *Jornal do Commercio*, que primeiro as dá do que todos os periodicos, e que de bom grado as deixa por elles transcrever.

Agora passemos a um Jornal, que se tem em conta de muito engraçado e muito espirituoso, e que declarando-se ministerial, ainda que, segundo nosso entender, elle não tenha partido nem opinião fixa, compromette gravemente o actual ministerio, ora convidando-o para commetter actos que forem os interesses do paiz, ora exprimindo idéas aversas ás suas, e dando-as como identicas, como ultimamente praticou com o Principe de Joinville, que elle tanto ridicularizou, apesar de que S. M. I., o Regente, e os ministros tanto se esmerassem em honrá-lo. Occupa-se o seu numero de ante-hontem com o Sr. Moutinho, e, depois de o elogiar em um communicado do Sr. Surdo Muzzi, que tão bons presentes de livros e coletes recebe da Europa, enviados pelo Sr. Moutinho, para compensar-lhe o trabalho e fadigas por que passa, fabricando *bem delicados e surdos* artigos em panegirico de S. S., insulta o *Jornal dos Debates* desapiedadamente, esforçando-se em merecer as boas esmolas. Faz muito bem o Sr. Surdo; o *Jornal dos Debates* despreza as suas *apupadas*, e honra-se de não merecer o seu conceito.

O redactor do *Jornal dos Debates*, e não os redactores, como diz o Sr. Surdo, e que não se orna com alheios trages, nem occultou jámais o seu nome, por isso que nada receia de mesquinhos espiritos, que só se occupam em ladrar *d'luxu*, finalisa agradecendo ao Sr. Muzzi os seus vituperios, que elle prefere aos elogios que tão toscamente tecer ao Sr. Moutinho, bem conhecido pelos nossos actuaes ministros, e pelo mesmo *Sete de Abril*, que n'este ponto não é suspeito, e que já honrou o *patriotismo* do Sr. Moutinho, segundo o seu comportamento na Europa, e seus vastos estudos literarios, e muito reconhecidos, principalmente pela prosaica e pálida traducção da *Aminta de Torquato Tasso*, que por isto deveria ser canoaisado.

O *Jornal dos Debates*, não querendo entranhar-se em personalidades, para aqui, esperando ainda responder, se acaso de novo o chamarem a campo.

VARIEDADES.

Consta que os candidatos apontados para regente pelos diversos partidos, são os Senhores.

Pedro de Araujo Lima.

Antonio Carlos Ribeiro de Andrada.

José da Costa Carvalho.

Antonio Francisco de Paula Hollanda Cavalcanti.

Diogo Antonio Feijó.

— Recebemos cartas da Bahia até a data de 10 de janeiro, que nada accrescentam ás noticias já dadas pelos outros jornaes da capital: havia-se dado um ataque contra a cidade no dia 8, ao qual os revolucionarios perderam um dos principaes pontos que lhes serviam de trincheira, e alguma gente, voltando desanimados de levarem avante seus criminosos designios, porém sem ainda se determinarem a capitular, ou entregar-se.

O presidente da provincia, o Sr. D. Barreto Pedroso, desenvolve grande actividade e coragem. Todas as cartas tecem-lhe os maiores encomios pelos serviços por elle prestados á prol da legalidade e integridade do imperio.

Chegou dos Estados Unidos Innocencio da Rocha Galvão, presidente da *nova republica* dos revolucionarios; condemnado á pena de morte pelos tribunaes pelo assassinato de Felisberto Caldeira, e deputado entretanto nomeado pela provincia para a legislatura de 1858.

Consta que a fragata americana cooperou para o seu desembarque, em despeito das admoestações da esquadra brasileira, rompendo d'esta maneira o bloqueio. Cabe-nos mais esta vergonha, que uma nação estrangeira intervenha nos nossos negocios, aticando mais o fogo das desordens que já tanto lava no Brasil!... De que nos servem então esses vasos de guerra que temos n'aquella provincia, quando se deixa uma fragata impunemente insultar a nossa honra, a nossa dignidade e o nosso pavilhão? É de mister que aquelles a quem cabe a administração dos nossos politicos negocios, o sustento de nossos direitos, e do nosso nome de nação, bem examinem este facto, e se esforcem em desagrar a dignidade nacional.

E como duvidas se elevam sobre a veracidade d'este facto, nós rogamos ao Governo, que dê ao publico as necessarias informações, por meio dos seus jornaes, para que se saiba, se foi o acto da fragata americana praticado contra o direito das gentes, ou si não estava ainda legalmente proclamado o bloqueio.

COMMUNICADO.

A chacun suivant sa capacité, à chaque capacité
le suivant ses centres.

ANALISTE DE S. SIMON.

Quando virá a época em que seja cada cidadão agalardoado, segundo a sua capacidade e as suas obras?

Eis a questão que cada um a si mesmo dirigia, a propósito da estranha nomeação do Sr. José de Araújo Ribeiro para a missão extraordinária de Paris. Uma das influencias da antiga opposição dizia, antes de 19 de Setembro — Nem um governo honesto pôde premiar a incapacidade e tergiversações do Sr. Araújo Ribeiro. — Aquelle que assim lançava este juizo tão severo, porém tão verdadeiro e tão justo, pouco depois subiu ao poder, e contribuiu a nomear o mesmo homem para um dos mais importantes cargos da diplomacia brasileira. — Patronato! Patronato! Quanto cessarás de intervir nos negocios do paiz?

Por ventura não implica esta nomeação a triste consequencia — Que a intelligencia, a instrucção, e o caracter não são os meios que conduzem aos cargos nacionaes? — Em presença d'ella, que linha de conducta poderão seguir os homens que aspiram a servir o seu paiz? Para que a capacidade e a nobreza dos sentimentos, se sómente valem a intriga e o patronato?

Não conhecemos meio algum mais efficaz para desacoroçar o genio, e semear a demoralisação nos espiritos, do que as nomeações da natureza d'aquella em que fallamos; e desgraçadamente, por toda a parte se introduz certa camarilha que faz prevalecer as suas considerações sobre as outras publicas e honestas considerações. E poucos governos no Brasil tem sabido subtrahir-se ás influencias. No entanto, publiquemos os seus actos, para que o publico vá conhecendo mais os homens e as cousas.

X. X.

OBSERVAÇÕES DO REDACTOR.

Nós cordialmente deplorámos que semelhante nomeação tivesse tido logar, pela perda de força moral que, de necessidade, devia causar ao governo. Tão infeliz escolha foi certamente de má agouro para a nova ordem de cousas. Fazendo entrar o Sr. Araújo Ribeiro por uma extremidade da linha, o ministerio fez sair pela extremidade opposta uma centena de uteis amigos politicos. Sem duvida alguma, o Sr. ministerio dos negocios estrangeiros não attendeu, fazendo esta nomeação, ás circumstancias do paiz, á posição e dignidade no actual ministerio, e talvez mesmo aos conselhos de alguns dos seus collegas mais experimentados, e que muito bem conhecem o caracter volúvel e a incapacidade do Sr. Araújo Ribeiro.

Se no Brasil faz-se sentir uma extraordinaria escassez de homens dignos em todos os ramos da arvore administrativa, provém isto de que a justiça, na distribuição dos cargos publicos, tem sido quasi sempre desconhecida entre nós. Medite o ministerio actual sobre a sua posição, reconheça elle a justiça e a razão de algumas censuras que se lhe tem feito por actos por elle imprudentemente praticados, e que o futuro absolva os peccados commettidos.

— Domingo, no Theatro Fluminense, representando Mr. Valli, Hercules Francez, pessoas houveram ignorantes e mal intencionadas, que lhe deram pateadas. Esses signaes de desapprovação a causas tão difficéis, como as que faz Mr. Valli, muito provam contra os proprios que os manifestaram. Mr. Valli contenta-se com os innumerables applausos que recebeu dos conhecedores de Paris, dos habitantes de Londres, e dos mais paizes da Europa, conseguindo a estima e approvação dos artistas e conhecedores, pelo seu bello talento. Elle sabe muito bem avaliar esses signaes de desapprovação da parte dos que o não entenderam. As differentes estatuas, que elle representou, sobre tudo o Gladiador morrendo, Hercules, Romulo e Tacio, foram admiravelmente executadas. Mr. Valli deve lembrar-se que o publico de Rio de Janeiro o soube applaudir em outras noites, e por isso, sem duvida alguma, não o confundirá com a pequena memoria dos que, Domingo, o assobiaram.

— É um erro da parte dos grandes o julgar que podem prodigalisar sem consequencia sua palavra e suas promessas. Os homens não podem soffrer que se lhes tire aquillo de que elles, de alguma maneira, se tem apropriado pela esperanza; elles não se deixam enganar por muito tempo no que lhes interessa, e nada os scandalisa tanto como o serem logrados. Por isso é muito raro que a velhacaria possa vencer. Para se enganar, é necessario mesmo sinceridade e rectidão. Os homens de estado que enganaram os povos sobre alguns interesses geraes, eram fieis aos particulares; sua habilidade consistia em captivar os espiritos com vantagens reaes. Quando se conhece bem os homens, e que se deseja attrahi-los para seus fins, não se deve contar somente com vãs delicadezas e promessas.

VAUVENARGUES.

Suicidou-se ultimamente em Lisboa o Ex. Senhor João da Rocha Pinto, estribeiro mór, viador da casa imperial. Foi o Ex. Sr. João da Rocha Pinto empregado publico no Brasil durante o reinado do Sr. D. João VI, e durante o imperio do Sr. D. Pedro I.

Eis aqui alguns detalhes biographicos sobre este homem, cu'o fim foi tão desastroso.

No tempo do Sr. D. João VI, servio o lugar, de proposito para ella creado, de inspector d'alfandega pela parte do mar. No tempo do Sr. D. Pedro, foi elle de commissão, por ordem de S. M. A Vienna, capital da Austria, buscar o infante D. Miguel, cuja missão não teve resultado, por isso que o infante não quiz acceder ás rogativas do seu augusto irmão. De volta ao Brasil, declarando-se em opposição contra o ministerio — Calhoun — Barbacena, e por ir de encontro ás opiniões do imperante, regressou outra vez á Europa, onde demorou-se, até que a morte, a morte que suas proprias mãos procuraram, o vitimasse no mundo.

A rogos de alguns amigos nossos transcrevemos, para complemento destas observações, uma lição historica, cuja publicação pedimos aos redactores do Chronista, logo que se formou o gabinete de 10 de Setembro. Permitta a Providencia que se não realice ella no Brasil! . . .

LIÇÃO HISTORICA.

— No reinado de Carlos II. na Inglaterra, depois da queda do ministerio Clarendon, por haver desconhecido os sentimentos do paiz e por haver lançado uma linha de ferro entre os interesses do povo e os do monarcha, o partido intitulado da cabala, capitaneado pelo conde Danby, e composto dos homens os mais immoraes e libertinos da Grã Bretanha, tomou conta da administração. Os direitos e os foros dos cidadãos foram calcados aos pés por tal ministerio: as leis e a dignidade da nação inglesa foram postergadas; a corrupção entranhou-se em todos os ramos da administração; as finanças do estado se arruinaram em pouco tempo, os empregos foram postos em leilão, e o mais escandaloso patronato caracterizou tal governo.

Porém, no seio da representação nacional, levantou-se enfim uma opposição violentissima, cançada de abaixar-se ás arbitrariedades e immoralidades do ministerio; esta opposição tornou-se maioria, e a cabala cabio.

Um gabinete formado dos mais brilhantes oradores do partido nacional, composto de lord Essex, lord Russel, e Shaftsbury, etc. subiu ao governo. A Inglaterra o rodeiava dos mais bellos prestijios, e o sustentava pela uniformidade de seus sentimentos. O parlamento facultou-lhe todas as medidas politicas e extraordinarias que ella pedia, deu-lhe poderes discrecionarios e autorisação para salvar a nação do miserando estado em que a tinha collocado o immoral ministerio cabala. Entretanto este ministerio, ainda que apoiado nas opiniões do paiz, e promettendo grandes cousas, tornou-se impotente em governar a Inglaterra, não pelo apuro das circumstancias e do tempo, mas por empregar individuos indigitados como pertencendo ao partido corrompido da cabala, homens stigmatizados pela opinião, odiados pela nação, detestados por seus crimes e vicios, e já havendo dado provas de sua incapacidade. A Inglaterra renegou os ministros em quem tantas esperanças tinha depositado, perdeu a confiança que lhes tinha, e o ministerio até ali chamado nacional, cahio com deshonra e com descredito. —

Foi a nomeação do Sr. Araújo Ribeiro um acto que, além de muito comprometter o actual gabinete, pode desacoroçar a nossa talentosa mocidade, que d'estarte vê postergado um dos maiores cargos do estado nas mãos da incapacidade do ex presidente do Rio Grande do Sul. Para que S. Ex. complete dignamente a obra encetada, deve agora enviar o outro acolyto do transito governo, o Sr. Moutinho, para Roma. A incapacidade do Sr. A. R. é equivalente á do Sr. Moutinho, mas aquelle é superior a este, por isso que contra elle se não elevaram tantas e tão terribes accusações; porém, dado o primeiro passo no caminho do vicio, os outros natural e facilmente se seguem.